

IDENTIDADES EM FESTA: O ASSOCIATIVISMO DANÇANTE E A FORMAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA EM BANGU (1902-1932)

Aluna: Ana Laura Novaes dos Santos Fonseca
Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Introdução

O projeto “Identidades em festa: o associativismo dançante e a formação da classe trabalhadora em Bangu (1902-1932)” tinha por objetivo a análise das redes de sociabilidade formadas ao redor das atividades dançantes no bairro de Bangu, nas primeiras décadas da república. A proposta era de investigar como o lazer participou do processo de formação de identidades sociais mais amplas no bairro, sejam aquelas de classe, de bairro ou de etnia.

A pesquisa realizada no período procurou abarcar as práticas de diversão encontradas nos subúrbios do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, a investigação compreendeu prioritariamente os pequenos jornais suburbanos publicados no período, guardados no acervo da Biblioteca Nacional. Este é o caso de O santacruzense: órgão dos interesses do local (4 de outubro de 1908- 2 de outubro de 1909), localizado na zona de Santa Cruz; da Gazeta suburbana: semanário crítico, literário, noticioso, dedicado aos interesses da zona suburbana, (8 de setembro de 1910 - novembro de 1911/ abril de 1919- dezembro de 1920/ 1921 Janeiro, Fevereiro e Agosto) com sede no bairro de Engenho de Dentro; e do Progresso suburbano: órgão noticioso, recreativo e literário, na localidade do bairro da Piedade, entre outros.

Foram também analisados jornais da grande imprensa, em especial no período correspondente à greve ocorrida na Fábrica Bangu no ano de 1920. Além das notícias da greve, foram encontradas também reportagens que diziam respeito aos clubes carnavalescos de Bangu, como o Flor da União, o Prazer das morenas o Flor da Lyra. Nesse caso, os jornais consultados foram o Jornal do Brasil, a Gazeta de Notícias, o Correio da Manhã e o Imparcial, todos no início dos anos 20.

Além da pesquisa em tais periódicos, proposta no plano de trabalho original, o bom desenvolvimento das atividades permitiu que fossem também realizadas pesquisas no Arquivo Nacional, em especial nos arquivos da Repartição Central de Polícia do Distrito Federal no período em questão – nos quais constam os processos de pedido de licenças e alvarás para o funcionamento anual dos clubes carnavalescos e dançantes.

Ainda que abrangesse toda a região suburbana, o foco da pesquisa se direcionava preferencialmente para o bairro de Bangu. Não se trata de uma escolha casual. Com a instalação de uma moderna fábrica de tecidos na região, Bangu tornou-se um bairro tipicamente operário, que juntava trabalhadores de baixa renda com origens diversas. Foi a partir da necessidade de estabelecimento de novos laços de sociabilidade, capazes de formar identidade entre homens e mulheres de procedências diversas, que alguns operários da Fábrica Bangu começaram a organizar diversas associações recreativas. Foi assim ao redor de práticas ligadas ao lazer que essa identidade foi se formando. Em vista disso, a presente pesquisa tenta resgatar essa identidade estudando os clubes dançantes ou carnavalescos que moviam a região – que eram basicamente três: o Flor da União, o Flor da Lyra e o Prazer das Morenas.

Excluído:

Objetivos

A proposta de investigar como o lazer foi o fio condutor para se construir identidades nos chamados subúrbios cariocas nos anos que iniciaram a república brasileira se ligava à tentativa de dialogar com as análises que defendem que as identidades sociais teriam formado apenas através de laços de solidariedade construídos ao redor do trabalho. De fato, para autores como Cláudio Batalha a forma privilegiada de construção de identidades sociais seria o trabalho, não o lazer. É o que ele mostra no artigo “Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: Algumas reflexões em torno da formação da classe operária.”¹ Batalha discute ali o processo de formação da classe trabalhadora através do mundo da militância sindical organizada. É através da reação às leis impostas aos operários no início do século XIX e à busca de seus direitos que tenta analisar a identidade do trabalhador que estava se formando e discutir também as novas formas organizacionais trabalhistas. Muito embora, segundo o autor, não se tenha desenvolvido tão cedo uma identidade propriamente operária, uma espécie de esboço dessa se formava através das sociedades mutualistas, que reivindicavam direitos aos operários da época. Somente no século XX é que, para ele, iria surgir junto com as idéias mutualistas uma nova forma de reivindicação dos direitos trabalhistas e melhores condições de vida ao operariado. É somente a partir dentro desse contexto diretamente político e sindical que Claudio Batalha busca também entender a lógica da organização trabalhadora para a formação de uma identidade.

Diferente dessa, no entanto, é a análise proposta antes por Sidney Chalhoub. Ainda em seu mestrado, Chalhoub discutia o mesmo tema através da tentativa de compreensão do cotidiano dos trabalhadores, incorporando ao o debate conceitos diferentes daqueles utilizados por Batalha. No lugar das associações operárias, aponta para questões do cotidiano. Volta-se assim para questões relacionadas à moradia, às relações afetivas, amores e laços familiares e de compadrio. Como este grupo se diverte, qual é o lugar do botequim no cotidiano desta população e o machismo como se manifesta? São essas as questões que informam as análises presentes no livro Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque, que aponta para a possibilidade de investigação a respeito de um processo de construção da identidade entre trabalhadores constituída no universo do lazer.

Fontes e metodologia

Durante esse período de pesquisa, foram utilizadas diferentes fontes. Nos jornais suburbanos arquivados na Biblioteca Nacional foram coletadas informações a respeito dos eventos sociais que ocorriam no subúrbio. De peças teatrais a grêmios filomáticos e ao funcionamento de clubes dançantes, tudo era noticiado nessas pequenas folhas. É o que faz, em 1910, o jornal Gazeta Suburbana, ao tratar do “Grêmio Filomático Bangu”:

Excluído:

“Com regular concorrência teve lugar no dia 2 de outubro a assembléia geral desta associação literária, para eleição de nova diretoria, prestações de contas etc.

¹BATALHA, Cláudio H. M., “Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária”. Cadernos do AEL. Campinas, UNICAMP/IFCH, v.6, n.10/11.

Sob a presidência do distinto jovem Horacio de Carvalho, professor da Escola da Companhia P. I. do Brasil, foi apresentado o relatório do movimento desde outubro de 1909 até outubro do presente ano, sendo aprovada por unanimidade. Em seguida foram lidas as atas, contra as quais também não houve protesto. Procedeu-se, após, a votação que teve como resultado o seguinte:

Para presidente: José Villas Boas; (reeleito) Vice, Horacio de Carvalho; (reeleito) para secretário, Oliveira Junior, para 2º dito, Antonio Carregal e para tesoureiro, Alcino Valente; (reeleito).

A nova diretoria, a quem cumprimentamos, dentro em breve porá em execução o projeto da construção de um novo prédio para a sede do Grêmio, apresentando na assembléia passada pelo Sr. Bernardino de Souza.”²

Nesse trecho o jornal informa a ocorrência de uma votação para a presidência do clube literário. É importante ressaltar que diversas vezes apareciam nos jornais notícias que informavam eleições para cargos administrativos nos clubes, fossem eles teatrais, literários ou dançantes. Essa realidade resalta também a relação imprensa e clube, a dependência mútua aparece também aqui. A imprensa, quando divulgava os eventos ocorridos nessas sociedades, o faz como uma forma de atrair o leitor, provavelmente morador também da zona suburbana, utilizando-se de elementos próximos à sua experiência. Para os clubes, essas notícias publicadas eram de grande valia, pois os jornais, na maioria, passavam uma imagem boa a população, diziam que os clubes eram organizadas, tinham um corpo administrativo, eram em sua essência familiar, ou seja, atraíam as famílias. Se por vezes não deixavam de divulgar as brigas que podiam ocorrer no interior das sociedades, como fazia com frequência a grande imprensa. Os jornais suburbanos dedicam a esses pequenos clubes uma visão muito mais positiva do que aquela presente nos jornais de maior circulação, habituados a denegrir a imagem das pequenas sociedades.

Os principais jornais da grande imprensa foram encontradas matérias que falavam dos clubes suburbanos de uma forma geral. Essas notícias apareciam com mais intensidade, na grande imprensa, na época do carnaval. É o que mostra uma notícia sobre o Flor da Lyra, de Bangu, em 1920:

“Esta veterana sociedade prepara-se para prestar aas devidas homenagens ao Deus Momo.

O entusiasmo reina ali; o mestre de canto é o Rouxinol Mundial, conhecido sobejamente em todo o subúrbio, por não ter competidor.

Esta sociedade, muito apreciada em Bangu, assim como nos demais subúrbios, com especialidade em Santa Cruz, goza de real estima.

Um fanático de Santa Cruz ofereceu esta marcha, em homenagem ao “Rouxinol Mundial” para ser cantada com a música do “Pois é:”

1ª Parte

Era um dia em cardea

(Resposta)

Meu pessoal

² “Grêmio Filomático- Bangu”- Gazeta Suburbana: semanário crítico, literário, noticioso, dedicado aos interesses da zona suburbana, ano 1 num 1, 20 de outubro de 1910

Que vivia empoleirado

(Resposta)

E apaixonado

Por cantar em desafio

(Resposta)

Eu não me fio

Que ele seja apreciado

(Resposta)

E festejado

Pois existe um rouxinol

(Resposta)

Ao nascer do sol

De cantar mais afinado

(Resposta)

E estimado

Por viver sempre a cantar

(Resposta)

Sem se cançar (SIC)

Para o povo lhe julgar

(Resposta)

Neste lugar

O nosso cardeal, coitado

(Resposta)

Apaixonado

Nunca mais há de captar

(Resposta)

E de piar

Tem que descer do poleiro

(Resposta)

E ligeiro

Bater asas (SIC) e voar

(Resposta)

Para escapar.”³

No trecho acima o jornal deixa claro a importância e o valor que a sociedade tem para não só o bairro banguense, mas como para as suas adjacências: um morador de Santa Cruz compõe uma marchinha em homenagem a um dos maiores maestros da zona suburbana na época. O sucesso do maestro era tão grande que, tempos mais tarde, o “Flor da Lyra” mudaria seu nome para “clube Rouxinol” em homenagem ao seu grande maestro.

Outra série documental analisada foi aquela relativa à documentação da Repartição Central de Polícia do Distrito Federal, guardada pelo Arquivo Nacional. Dentre tal documentação, constam os alvarás e licenças para funcionamento dos clubes

³ “Flor da Lyra em Bangu”- Jornal do Brasil, ano XXX, num 28, 7 de Fevereiro de 1920

e sociedades, que eram anualmente submetidos a um pequeno processo dentro do corpo policial. O que foi catalogado em primeira instância foram as licenças que não foram cedidas e também os alvarás dos clubes localizados na zona suburbana, principalmente das regiões próximas a Bangu. Era o caso, em 1906, do Clube Dramático do Realengo:

“O Desembargador Manuel José Espinola, CHEFE DE POLICIA DO DISTRITO FEDERAL, POR NOMEAÇÃO DO GOVERNO DA REPUBLICA:

Concedo licença ao Clube Dramático do Realengo, com sede a Estrada Real de Santa Cruz nº64 para funcionar durante o corrente ano, regendo-se dos estatutos já aprovado por esta Repartição, com as clausulas de não haver jogos proibidos e os ensaios não excederem às 10 da noite e os bailes das 2 da madrugada, sendo que os ensaios carnavalescos apenas poderão ter lugar aos domingos e dias feriados de 20 de janeiro até o Carnaval, e diariamente oito dias antes, e não sendo permitido sair a rua nem realizar diversões com entradas retribuídas, sem licença especial da Pólicia.

O Clube funcionará de portas abertas e dará franco acesso aos Delegados Auxiliares e autoridades policiais da Circunscrição. As demais autoridades policiais será também franco o ingresso, no caso da perturbação da ordem em quaisquer dependência do recinto social.

Para os devidos efeitos, esta licença será apresentada ao Dr. 2º Delegado Auxiliar, bem como o Delegado da Circunscrição.

Secretaria de Polícia do Distrito Federal em 17 de Fevereiro de 1906.

Visto- Em 17 de Fevereiro de 1906

O 2º delegado

Julio A. de Limatero [?]⁴

O documento transcrito acima é uma licença concedida para o funcionamento do Clube Dramático do Realengo, localizado no subúrbio carioca nas proximidades de Bangu. Nota-se que para seu funcionamento não poderia haver jogos proibidos, que eram os jogos de azar, e os ensaios só poderiam ocorrer dentro do horário estipulado. O clube, no entanto está dentro das normas permitidas para o seu funcionamento. Nesse estatuto podemos ver de forma clara quais eram as regras permitidas pela polícia para o funcionamento dos clubes.

Além dos jornais suburbanos, da grande imprensa e da documentação policial, foram ainda utilizadas fontes orais. Senhor Leonídeo Nunes, hoje com 81 anos, nascido e criado no bairro Bangu, freqüentava os muitos bailes dançantes da região. Seu depoimento deixa claro o que era importante para toda aquela gente ali residente:

“ E era o final de semana que a gente levava porque antigamente o pessoal da época o pessoal gostava muito de futebol e dançar. Porque antigamente tinha muito baile familiar então o povo gostava muito de uma festa, Bangu era uma festa. Todo mundo se conhecia, uma coisa muito espetacular.”⁵

Em seu testemunho, seu Leonídeo deixa claro que a dança no subúrbio era mais que uma simples diversão: era como um evento social, um meio de sociabilização que permitia a formação de gostos e desejos comuns entre os moradores do local, que os bailes eram por ele lembrados. Desta forma faz concluir que aquela gente formou a sua identidade através de algo que encontraram em comum: o lazer.

⁴ Arquivo Nacional, GIF1 6c 213

⁵ Entrevista com Leonídeo Nunes feita pela pesquisadora Ana Laura Fonseca em janeiro de 2009.

Conclusões

O bairro de Bangu, situado na zona oeste do Rio de Janeiro, possui em relação a outros bairros suburbanos do Rio uma grande peculiaridade: sua história singular, fruto de um desenvolvimento recente da região. Com história que começa no ano de 1673, quando foi construída a Capela de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, a região guarda sua vocação rural até o final do século XIX. Foi somente nesse momento que, em vista das características naturais da região, que contava com águas abundantes, que um grupo de ingleses se interessou pelo local e decidiu instalar ali uma fábrica de tecidos⁶. A abundância de água foi o fator principal para a escolha do local. Nasce então em 1896 a Companhia Progresso Industrial do Brasil, indústria têxtil ou como é mais conhecida, Fábrica Bangu. Quando a Companhia lá chegou, tratou de fazer suas primeiras mudanças na região, já que o local só possuía uma estrada, a Estrada Real de Santa Cruz. Com a instalação da fábrica nos anos de 1900 muitas casas para moradias foram construídas, além da primeira escola, a Marco Seis. Muitas ruas foram abertas e algumas receberam nomes em homenagem à fábrica, esses nomes são conhecidos até hoje por quem passa por Bangu, são elas: Rua dos Tecelões, Rua das Cardas, Rua dos Tintureiros entre outras.

O bairro nesse momento inverte sua lógica social, deixa de ser um local agrário onde anos antes tinha em sua base a mão-de-obra escravocrata para se torna a partir da chegada da fábrica um novo bairro operário. Essa novidade trouxe a região um contingente de imigrantes vindos de países diversos além de outros estados do Rio de Janeiro, como vassouras, Valença, Barra do Piraí entre outros. Daí por diante, com uma nova roupagem, Bangu foi crescendo e se desenvolvendo; à medida que a fábrica da Companhia Progresso Industrial foi crescendo em tamanhos de espaço e importância, paralelamente seus operários também cresciam em termos organizacionais. Construíam casas, escolas e espaço de lazer.

Foi no bojo de tal crescimento, que reunia em uma mesma região trabalhadora de origens diversas, que começaram a surgir as primeiras sociedades dançantes da região. A “Sociedade Musical Progresso de Bangu” (substituída depois pelo Cassino Bangu) e até mesmo Sociedades Carnavalescas como a “Flor da Lira”, a “Flor da União” e o Prazer das Morenas, que fizeram nome e história durante muitos carnavais do subúrbio.⁷ Esses clubes carnavalescos ou dançantes constituíam para o morador de Bangu um espaço de lazer, freqüentado por homens e mulheres em sua maioria de negros e mestiços da classe operária local, e que tinham como objetivo fazer um carnaval que acompanhava os padrões do centro do Rio de Janeiro. Muito além do que seguir os padrões da elite carioca, o suburbano de Bangu buscava algo a mais com a sua nova realidade, busca sua identidade única. Essa identidade do bairro foi construída a partir do lazer, através dos clubes que se formavam na região.

⁶ SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. *Fábrica Bangu 100 anos- Livro comemorativo da Companhia Progresso Industrial do Brasil*, Rio de Janeiro, 1989.p. 15

⁷ GUIMARÃES, Murilo. *Uma rua chamada Ferrer*, Editoração eletrônica: Compolaser Editoração Eletrônica Ltda, 1ª edição, 1996.

Através das fontes de pesquisa podemos constatar a centralidade dos bailes para a vida social do bairro. De fato, a maioria das notícias desses pequenos jornais suburbanos trazem frases pomposas e grandes elogios aos bailes das pequenas sociedades. É o que mostra, em 1902, o jornal Progresso Suburbano ao noticiar uma festa do Guarany Club:⁸

“Imponentíssima e deslumbrante foi a festa de inauguração desse Clube, na sua sede á rua Cardoso, estação do Meyer.

No salão, que com brilho e gosto artístico achava-se ornamentado, via-se o que de mais belo e sublime se pode encontrar na nossa sociedade; cavalheiros, senhoras e gentis senhoritas, trajando toilettes de apurado gosto, cruzavam-se de par em par, dando uma nota alegre e sonante a essa bela festa.

As 8 ½ foi inaugurado o pavilhão social, cuja a cor é verde, tendo ao centro a cruz de Malta, amarela.

Orou nessa ocasião o distinto e inteligente moço Sr. Xavier Pinheiro, 1º oficial da Secretaria do Conselho Municipal, e redator da Tribuna, em que belo discurso repassado de frases eloqüentes, saldou o Clube e sua distinta diretoria.

Foi em seguida aberta sessão pelo presidente em comissão, que convidou o Sr. Xavier Pinheiro a assumir a Presidência, sendo então empossado na diretoria eleita.

Foi depois servido profuso lunch, sendo erguidos diversos brindes.

As danças, sempre animadíssimas, prosseguiram ate a madrugada, sendo interrompida á meia noite para a magnífica ceia, que foi delicada e abundante.

Não podemos deixar de hipotecar os nossos agradecimentos à distinta diretoria, pela gentileza e trato lhamo que sempre dispensou a todos e especialmente aos representantes da imprensa.

Fazemos votos pela prosperidade crescente dessa sublime sociedade. ”

Excluído: ¶

Na passagem acima é bastante notório o tom elogioso com que os representantes da imprensa tratam o clube em questão. Não faltam adjetivos para elogiar o evento em que se comemorava a inauguração do clube Guarany. Uma coisa, no entanto chamou a atenção; no início do texto o jornalista afirma que o baile ocorrido foi em comemoração à inauguração do clube e ao final do corpo do seu texto ele diz que não pode de deixar de agradecer a diretoria do clube que sempre os tratou (representantes da imprensa) com muita gentileza. Pode - se concluir que tons de elogios eram feitos a esmo apenas para angariarem confiança de ambos os lados, o que atestava a importância de clubes como esses para os moradores da região – que a imprensa suburbana tratava e tentar agradar.

Junto com as notícias de jornais, outras fontes ajudam a atestar a centralidade do bailes para os moradores locais. É o caso das memórias de alguns moradores, coletadas em entrevistas orais – como a de Leonídio Nunes morador de Bangu aos 81 anos, nascido e criado no bairro suburbano: *“o Prazer das Morenas, é ali que a gente dançava e tudo, nas horas vagas da Fábrica, naquela época a gente saía, dançava nos finais de semana, nos sábados. Quer dizer que, muitos freqüentavam ali. E tinha outro também Clube, o Rouxinol. O Rouxinol ficava na Avenida Santa Cruz quase esquina com Maravilha, no alto, num sobrado, um baile popular, ali teve por muito tempo.”*⁹

Percebe-se, em tal testemunho, a lógica que movia as atividades dançantes dos moradores de Bangu. Ir ao clube aos finais de semana para dançar ou apenas freqüentar

⁸ - “Guarany Club”, *Progresso Suburbano: órgão noticioso, recreativo e literário*, ano I, número 1, 23 de agosto de 1902.

⁹ Entrevista com Leonídeo Nunes feita pela pesquisadora Ana Laura Fonseca em janeiro de 2009.

o lugar fazia parte do cotidiano daquela gente, deixando claro que além dos muros da fábrica Companhia Progresso Industrial a relação dos trabalhadores continuava a partir da prática da diversão, estreitando assim os laços de sociabilidades. É o que mostrava ainda, em 1911, uma notícia da Gazeta Suburbana a respeito de um desfile dos Pepinos Carnavalescos:

“A estação do Engenho de Dentro, domingo passado notava-se qualquer coisa de anormal, estava muito concorrida de gentis senhoritas com elegantes <<toillests>> procurando sobressair às cores dos seus partidos.

A rua principal, que é intitulada Ouvidor do lugar que tem o mesmo nome da estação, estava intransitável tal era o número de pessoas que se acotovelavam, em renhido combate de lança- perfume; as moças, enquanto esperavam a anunciada passeata dos Pepinos Carnavalescos, se entreteciam em aromatizar, com seus delicados lança- perfume, a rapaziada, que prontamente lhe respondia; parecendo estarmos em pleno carnaval, tal era a influência notada nas gentes suburbanas.

Verdadeiro delírio foi quando ouviu- se os toques de clarins anunciando a passeata dos valentes denotados Pepinos Carnavalescos, os heróis da graça e do espírito, o rei de Momo suburbano, foram recebidos por uma prolonga a salva se palmas e muitos vivas pela grande massa popular que enchia a rua do Engenho de Dentro. O preceito vinha assim organizado: banda de clarins, comissão de frente montada em verdadeiro puro sangue, automóvel conduzindo o estandarte chefe, empunhado por valente Pepino e alguns membros da diretoria, a seguir carros conduzindo sócios vestidos com pyjamos das cores sociais e famílias dos mesmos; fechando o préstito vinha tremendo Zé Pereira que chagava a ensurdecer, com o posto de 12 caixas e 6 bombos.

Os Pepinos mostraram- se valentes e fortes pela passeata que fizeram; prometem um carnaval externo no domingo gordo, sublime.

O povo suburbano que prepara- se para poder recebê-los com todas as honras de vivas, e nós também damos um viva aos Pepinos Carnavalescos.”¹⁰

A notícia dá uma boa idéia do que eram os finais de semana no subúrbio, principalmente na época do carnaval. Os clubes paravam a população suburbana, que olhava e dançava junto com eles nas ruas ou em suas sedes. Nota- se na notícia acima o tipo de gente que freqüentava as folias: jovens, senhoritas famílias, todos ajudavam a promover a animação.

À imagem de entusiasmo presente nessas folhas corresponde, porém, uma tentativa cuidadosa por parte da polícia de controlar suas atividades – que mostra o perigo a elas associado pelo poder público. Tudo era controlado e disciplinado: os horários de funcionamento ou dos desfiles as ruas eram rigidamente impostos nas licenças concedidas para os clubes pela polícia:

“... os ensaios não excederem às 10 da noite e os bailes das 2 da madrugada, sendo que os ensaios carnavalescos apenas poderão ter lugar aos domingos e dias feriados de 20 de janeiro até o Carnaval, e diariamente oito dias antes, e não sendo permitido sair a rua nem realizar diversões com entradas retribuídas, sem licença especial da Pólicia.”¹¹

¹⁰ “Pingas carnavalescos- Gazeta Suburbana: semanário crítico, literário, noticioso, dedicado aos interesses as zona suburbana 19 de Fevereiro de 1911

¹¹ Arquivo Nacional, GIF1 6c 2

A lei imposta podia ser rigorosa algumas vezes, mas era o preço que os clubes deviam pagar para continuar suas atividades livremente. Ainda que dentro da lei, de modo a fugir do preconceito lançado sobre esses clubes, eles conseguiam, porém promover e estimular os laços de sociabilidade que constituíam a identidade local, levando ao público suburbano alegria e prazer.

Bibliografia:

ASSAF, Roberto. Bangu Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001

BATALHA, Cláudio H. M., “Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária”, Cadernos AEL, No. 10/11, “Campinas, IFCH/UNICAMP, 1999.

BERGER, Paulo. As freguesias do Rio antigo, Rio de Janeiro: O cruzeiro, junho de 1965

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim, São Paulo: Brasiliense, 1986.

Excluído: ¶

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da Folia - Uma história social do carnaval carioca. Companhia das letras, Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da, “O associativismo no Rio de Janeiro de 1903 a 1916” No Gozo dos Direitos Civis: associativismo no Rio de Janeiro 1903 -1916, Rio de Janeiro, Faperj, 2008

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “E o Rio Dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)”, in Maria Clementina Pereira Cunha (org.), Carnavais e outras f(r) estas: ensaios de história social da cultura, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. Fábrica Bangu 100 anos “Livro comemorativo da Companhia Progresso Industrial do Brasil, Rio de Janeiro, 1989.